

Doce nome de Leide*

Doce nome de Leide, nome lindo.
Meigo nome que em vão estou chamando,
Nome que a vida murmurou sorrindo
Nome que a morte rouquejou chorando.

Doce nome de Leide que surgindo
Foi a luz das estrelas me aclamando
Triste nome de Leide que sumindo
Foi a treva de abismos me tragando.

De Ivo para a filha *Leide*
em 22/7/88

* *Leide* das Neves Ferreira, uma das vítimas do acidente radioativo com o Césio, tinha seis anos quando faleceu, em 23/10/87, no Hospital Naval Marcílio Dias.

(Extraído do trabalho publicado em 1990 sob os auspícios do CNPq – Goiânia "Lições do Acidente com Césio¹³⁷ em Goiânia" – Fundação Leide das Neves Ferreira)



Apresentação

O acidente de Goiânia, ocorrido em 1987, foi um gravíssimo episódio de contaminação por radioatividade, sem precedentes na História. A Marinha do Brasil teve participação decisiva no atendimento às vítimas e coube ao Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD) receber os 14 pacientes em estado mais grave. Contudo, verificou-se que havia poucos registros sobre o desafio que viveram o HNMD e a equipe multiprofissional designada para prestar atendimento às vítimas.

Percebendo esta lacuna e atento ao valor que o registro daquela experiência poderia ter não apenas para a comunidade científica, mas para toda a sociedade, e sabedor da participação da CMG (S-RM1) Sonia Fonseca Rocha no evento, formulei àquela oficial o desafio de publicar um trabalho relatando a atuação da Marinha naquele episódio. Nasceu então esta obra, que se propõe a transmitir a experiência vivida pela autora, enfermeira responsável pela Equipe de Enfermagem designada para assistir as vítimas do acidente internadas no HNMD. Uma edição que pretende se juntar a outras obras – livros, teses, relatórios, filmes – que tenham sido ou venham a ser realizadas enfocando o acidente radioativo de Goiânia.

Olhando de uma perspectiva distante 25 anos, o acidente radioativo de Goiânia e todos os acontecimentos que o sucederam parecem hoje uma história ficcional. Talvez apenas um escritor ou roteirista de cinema conceberia um enredo tão impactante. Se fosse perguntado à equipe, hipoteticamente, se haveria condições de atender a acidentados daquela magnitude, possivelmente a resposta seria “não”. Mas a força que muitas vezes dorme no ser humano desperta diante de situações-limite para as quais os militares se prepararam diuturnamente.

O atendimento aos pacientes irradiados foi um desafio para todos que dele participaram. Vivenciou-se o que se conhecia até então apenas na teoria sobre atendimento a vítimas de acidentes radioativos. A Enfermaria dos Pacientes Irradiados do HNMD foi, pela primeira vez, utilizada para este fim.

Testou-se a capacidade administrativa para lidar com dificuldades inéditas que surgiam a cada momento; houve a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e uma experiência que continua inédita e sem paralelo: pela primeira vez foi possível identificar os efeitos no organismo humano, desprovido de qualquer proteção, quando exposto a uma alta dose de radiação ionizante.

Apesar da orientação de que fossem seguidas todas as normas de

radioproteção, na prática era difícil evitar a permanência junto aos pacientes, já que todos necessitavam de cuidados intensivos da equipe médica e paramédica. Foram três meses de total abnegação e profissionalismo por parte de todos os envolvidos. Por outro lado, a experiência vivida no HNMD deixou transparecer a necessidade de se manter equipes qualificadas e em constante reciclagem e uma estrutura hospitalar preparada para atender este tipo de emergência.

O sofrimento, a luta, as noites mal ou não dormidas, os riscos de contaminação, o medo, o estresse, a fadiga, a desesperança, tudo isto fica menor diante do sentimento do dever cumprido. Os anos passam e jogam sobre os fatos, mesmo os insólitos, uma cortina de esquecimento.

O trabalho ora apresentado pela CMG (S-RM1) Sonia é um relato humano e emotivo, que enobrece e dignifica a todos os profissionais da Marinha que deram o melhor de si para o bem do próximo, em momentos de intensa angústia, dor e sofrimento.

Acima de tudo, porém, esse registro inédito traz profundo orgulho à nossa Marinha, como Instituição, por ter mais uma vez bem cumprido com seus deveres à sociedade brasileira.

Parabéns, Comandante Sonia, tarefa bem executada!

José Antonio de Castro Leal
Almirante de Esquadra



Agradecimentos

Agradeço ao Almirante de Esquadra José Antonio de Castro Leal, por ter-me confiado a tarefa de relatar um episódio tão significativo para a história da Marinha do Brasil, dando-me assim a oportunidade de deixar registradas a emoção sentida e a experiência adquirida naquela ocasião.

Ao Vice-Almirante (Ref^o-EN) Armando de Senna Bittencourt, Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, e à equipe da Editora Serviço de Documentação da Marinha pelo profissionalismo e carinho demonstrados na prontificação deste trabalho.

Agradeço ainda à Teresa Cristina Fazolo Freire que, com sua competência, paciência, amizade e incentivo, foi a responsável pela revisão deste ensaio.

À Senhora Maria Emília Frade de Mello, bibliotecária da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), que tive o prazer de conhecer, reconheço que sem seu apoio e enorme paciência este trabalho ficaria incompleto.

Agradeço, finalmente, a todos os integrantes da Marinha – oficiais, praças e civis – que, a meu lado, viveram anônima e corajosamente aqueles dias de incertezas, e também a toda equipe da CNEN, em especial à equipe da radioproteção, “anjos da guarda” a cuidar de nossa segurança.

Deixo aqui um especial agradecimento aos pacientes que tanto colaboraram com o nosso trabalho, dia após dia, apesar de seu sofrimento físico e moral, e à memória dos que pereceram.